



**A Illustração Portuguesa**  
**SEMANARIO**  
**REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA**

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Eugenio de Castro;—*Amelia*, soneto, por Costa Alegre;—*Apresentação (Um idyllio em Lisboa)*, por Henry de Braisne;—*Mendes Leal*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A Bastilha Portuguesa*, (conclusão), por Alberto Telles;—*Phantasia triste*, versos, por Alfredo Gallis;—*Q medo*, conto, por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Amelia*, versos, por S. D.;—*Em familia (Passatempos)*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*A Augusta*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Silva Costa*;—*Dr. Cezario d'Abreu*;—*Um feliceiro da Africa Austral (Episodio da viagem de exploração de Serpa Pinto)*;—*D. Margarida Relvas*;—*Damas chinesa e tartara*.

—Não, não é esse, respondeu André Gill; refiro-me ao *D. Quixote de la Mancha*.

*Tableau!*

E por mais que o grande artista Bordallo Pinheiro quizesse desligar no espirito do seu collega estas duas

### CHRONICA

Conhecem o Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, não é verdade?

Ha tempos, depois de um cavaco animadissimo sobre as qualidades estheticas dos nossos artistas, achámonos—seriam 3 horas da madrugada,—conversando sobre o pessimo conceito em que era tida no estrangeiro a famosa patria do sr. D. Affonso Henriques.

—Uma desgraça, dizia-me o Manuel Gustavo, ageitando os oculos de myope.

—Quer você saber uma cousa? dizia elle: e contou-me esta anedocta curiosissima:

N'uma das vezes em que Raphael Bordallo esteve em Paris, visitando André Gill, o espirituoso caricaturista dos *Hommes du jour*, disse-lhe este:

—Saberá, meu amigo, que aprecio muito o seu Portugal e que leio incessantemente um dos seus mais bellos monumentos litterarios.

—Refere-se aos *Lusiadas*, não é assim? perguntou Bordallo Pinheiro.



SILVA COSTA

nacionalidades: portugueza e hespanhola — tristeza das tristezas!—não foi possivel!

Esta simples anedocta, que me foi contada pelo meu querido Manuel Gustavo, dá a ideia precisa do modo como somos injustamente apreciados no estrangeiro.

E querem saber mais?

Sabem qual foi a cousa que mais impressionou Coquelín em Portugal?

Foi o Tejo? as mulherinhas? o francez ululante dos nossos jornalistas? a cortezia bizarra dos nossos fidalgos? a dengosa gentileza dos elegantes do Baltresqui?

Nada d'isso, meus amigos, nada d'isso.

—Então que foi? perguntará o leitor, assestando o seu monoculo com aro de tartaruga: o que é que mais impressionou o grande comediante?

Soceguem, meus circumspectos amigos, eu lhes digo o que foi.

Foi... Foi...

Foi que os nossos espectadores o comprehendessem.

Ora aqui teem vossencias o que é Portugal no estrangeiro.

Bem dizia o Manuel Gustavo:

—Uma desgraça!

\*  
\* \*

Uma desgraça!

Esta exclamação, desoladoramente patriótica, tem, além de tudo, a triste realidade de poder ser applicada a todas as nossas cousas.

E' uma d'estas exclamações que nos saltam á bocca a todos os momentos, acobardando-nos, inexoravel e fulminante, no reprehendimento de qualquer projecto.

E' isto, ou não é? meus amigos.

Oh! se é!

A's vezes, não se diz isto precisamente: mas diz-se uma cousa ainda peor: *não valle a pena...*

Um critico qualquer pensa em escrever um estudo sereno e justo ácerca de um trabalho que lhe merece essa justeza e serenidade analytica.

Envidam-se todos os esforços, evocam-se todas as energias, firmam-se todas as coragens, e quando esse critico, armado e fortificado, começa a dispor o principio do seu trabalho, vem uma voz que lhe segreda, muito baixinho, ao ouvido:

—Não valle a pena.

E a critica não se fez.

—Porquê?

Porque não valle a pena.

\*  
\* \*

Ha cinco ou seis dias que tenho ido pontualmente, como um britannico, á camara dos srs. deputados.

A minha boa fé provinciana vivia ingenuamente iludida na doce convicção de que, do alto d'aquella assembléa, presidia a calveira lustrosa da Seriedade.

Enganei-me redondamente.

Redondamente, é o adverbio.

Mas, pensando bem no caso, descobri afinal a razão da pouquissima gravidade que alli existe.

Sabem por que é?

E' porque *não valle a pena.*

\*  
\* \*

E' por isso, justamente por isso, que eu venéro com todo o meu fervor incondicional, as perseveranças inte-

meratas e firmes que resistem ao desfilar dos projectos aluidos, das chymeras abaladas.

E' necessario ser forte, o que é, aliás, difficillimo. Difficil, muito difficil, e com razão.

N'este desmoronar continuo de pequeninos sonhos, de phantasias insignificantes, assalta-nos o indifferentismo pungente que tolhe as nossas mais queridas aspirações, com o murmurar insidioso e perfido d'aquellas palavras: *não valle a pena.*

\*  
\* \*

Ha seis ou sete minutos que eu estou maculando com os meus gatafunhos a pureza immaculada d'esta folha de papel.

Pensamentos desconnexos, phrases soltas, eis o que eu tenho escripto.

Uma chronica sensaborona e trivial, em boa verdade.

Resta-me uma consolação: não ser lido.

E porque?—porque *não valle a pena.*

EUGENIO DE CASTRO.

---

## AMELIA

---

(A JOAQUIM FREIRE SOBRAL)

Cuido que a cercam o ar e a luz da infancia  
Se sobre mim o seu olhar estende.  
Como as notas d'um cantico a distancia,  
D'esse tempo o perfume ella rescende.

Porém, ás vezes, arfa-lhe com ancia  
O peito, e um ai dulcissimo desprende...  
Do amor a cálida e fatal fragrancia  
A paz serena da sua alma offende.

Desde o berço, da sorte perseguida,  
Apprendeu a ser boa e condóida,  
Que o soffrimento ensina a piedade.

Eu a procuro em horas de amarguras,  
Porque, no encontro, duas desventuras  
Diffundem-se em consolos e amizade.

COSTA ALEGRE.

---

## APRESENTAÇÃO

---

Tenho o prazer de apresentar aos leitores da *Illustração* o sr. Henry de Braisne, um escriptor parisiense que dá agora os seus primeiros passos, ainda um pouco hesitantes, na vida das letras.

O sr. de Braisne, porém, de quem eu acabo de receber uma amavel e delicada carta, merece, por mais de um titulo, toda a nossa sympathia.

Este escriptor francez parece ligar um extraordinario apreço ao facto de ser conhecido dos leitores portuguezes, e o que é ainda menos vulgar, este parisiense publica no supplemento do

*Petit Journal* um conto, cuja singela acção se desenrola em Lisboa, um conto historico, segundo elle assevera, onde se lêem, sem dependencia do dictionario Volapuk, alguns nomes portuguezes, e onde se desenha fugitivamente o vulto prestigioso, illuminado pela dupla auréola da intelligencia e da bondade, de um homem que Portugal não esquecerá nunca: El-Rei D. Fernando.

E' esse conto que vamos traduzir; é este escriptor que vae pela primeira vez ser conhecido e apreciado no paiz que inspira ao sr. Henry de Braisne um interesse affectuoso, a que os seus confrades, o sr. Xau, por exemplo, não nos tem habituado.

G. T.

## UM IDYLIO EM LISBOA

Indolentemente reclinada na *chaise longue* do seu quarto de menina, em face da janella que abria para o jardim, Helena Cabral escutava, distraida, a leitura que, com uma angelica paciencia, lhe fazia a boa tia Joanna.

Bem que os seus olhos fossem de vidro,—Helena era cega de nascença,—a pobre menina, com o rosto inclinado para a janella, parecia seguir nas avenidas do jardim os passos de um ente querido.

Helena só mudou de posição, quando ouviu a porta do jardim fechar-se ruidosamente. N'essa occasião, Barbara, uma creadinha provinciana, entrou e foi correr o *store*; em seguida, aproximando-se da leitora, perguntou, indiscretamente:

—Porque não vai hoje dar um passeio, sr.<sup>a</sup> D. Helena? O tempo está tão bonito!

—Minha sobrinha prefere ficar em casa, volveu a tia Joanna.

—A menina faz mal, tornou a creada; se tivesse acompanhado seu pai, sua mãe e sua irmã, distrahir-se-hia. Uma pessoa, sempre mettida entre quatro paredes, até perde o appetite.

A joven cega levantou a cabeça, sorriu-se, e, lentamente, pronunciou estas palavras:

—Prefiro a leitura, distraie-me muito mais.

Helena mentia; do folhetim que sua tia lhe lera, não ouvira uma duzia de palavras. E entretanto, era interessantissimo esse folhetim, intitulado *O coração de um pai*, traducção do celebre romance de Balzac, *Le père Goriot*.

A creada saiu, e a tia Joanna recomeçou a sua leitura.

Uma excellente pessoa, a tia Joanna, espirito fraco, assustando-se sem motivo, perdendo, á menor eventualidade, o sangue frio, mas dedicada, e prodiga em extremos e delicadezas para com sua sobrinha.

Era ella quem preenchia os ocios de Helena, nos intervallos do piano ou do bordado, lendo-lhe romances francezes.

N'esse dia, porém, o seu trabalho tornara-se infructifero; Helena não lhe prestava attenção, toda absorta nos grandes acontecimentos que iam dar-se na sua familia.

Isabel, sua irmã mais velha, estava para casar.

O noivo era um rapaz encantador; tinham-se encontrado pela primeira vez no Passeio da Estrella.

Mas uma reflexão feita pela senhora Cabral, inquietava Helena.

—Acham o dote de Isabel insufficiente. Diligenciaremos, porém, satisfazer o seu futuro marido.

Insufficiente, o dote de Isabel! Que importava isso? Helena comprehendera mal. Nunca os namorados das novellas, que se encontravam nos passeios ou nas salas, tinham debatido essa prosaica questão. Para que servia atormentarem-se com semelhante bagatela? Pois a entrada na vida poderia estar submettida ao vil interesse? A dizer a verdade, Helena ignorava ainda que seus pais empregavam, para fazerem face ás despezas da existencia quotidiana, a totalidade dos seus minguados rendimentos, que havia muito estavam endividados, e que para casarem sua filha, só confiavam na singular distincção do seu rosto formosissimo.

Abandonando-se aos seus sonhos de creança, sem conceder um nome ao sentimento que a invadia, Helena identificava-se com sua irmã, sentindo-se feliz, ao partilhar a ventura d'aquelles que o destino favorecera.

—Helena, é melhor terminar a leitura, disse a tia Joanna; não me dás a menor attenção; terias feito muito melhor saindo com tua irmã.

—Tia, és injusta, volveu a cega. Minha irmã foi fazer compras para o seu enxoval, não precisava da nossa companhia, e eu não desejava servir-lhe de estorvo. Mas se estás disposta a aturar-me, iremos dar um giro pelo Chiado.

—Seja, applaudiu a tia. Passaremos tambem pelo Terreiro do Paço. Muitas vezes me testemunhaste o desejo de percorrer uma rua muito concorrida. Levarte-hei á rua do Olro.

As duas senhoras saíram; depois de terem aspirado, na Praça do Commercio, a deliciosa aragem maritima, subiram ao Chiado. Cerca da praça de Camões, a boa tia Joanna avistou a creadita

Barbara, que corria, offegante, chamando-a de longe com gestos desvairados.

—O que succedeu? Meu Deus! fallal exclamou a pobre senhora, dominada por uma profunda inquietação.

—Foi... foi o noivo da menina que partiu para Hespanha!

—Para Hespanha!... E porque?

—Porque ja não quer casar com a menina Izabel.

Um raio que tivesse caído aos pés da tia Joanna, não lhe causaria maior assombro do que essas inverosimeis palavras: «Não quer casar!» Todas as suas idéas embrulharam-se; de subito, perdendo a consciencia do lugar onde se achava, unicamente entregue ao desgosto que a ferira, largou o braço de sua sobrinha, travou do braço da creada e arrastou-a, gritando:

—Corramos, minha filha, tratemos de evitar uma grande desgraça!

Helena, tremula, aterrada, não teve nem um gesto nem uma palavra para protestar contra esse cruel abandono; como que aturdida, por uma violenta sensação phisica, quedou-se immovel, perturbada e muda de espanto, no meio da rua onde a multidão circulava.

N'essa occasião, desembocava da rua do Alecrim um homem alto, estatura desempenada, cabeça altiva e virilmente elegante, barba sedosa e longa, olhar penetrante, sorriso cheio de bondade. Os seus olhos, sagazes e profundos, fixaram, occasionalmente, a formosa creança, parada no meio de um grupo de curiosos, atraídos pela sua estranha attitude.

—Por acaso se perdeu na rua, minha senhora? perguntou o cavalheiro com inflexão affectuosa.

—Assim o creio, volveu Helena. E, accrescentou, córando, ao ter de confessar a sua terrivel enfermidade:

—Sou cega.

—Permitte-me que lhe offereça o meu braço?... Onde deverei conduzi-la?

Helena indicou a morada de seus paes, e accetando o braço do desconhecido, subiu para uma carruagem de praça.

Durante o trajecto, a pobre menina contou ao seu protector em virtude de que circumstancias sua tia a abandonara; depois, muito commovida, respondeu, ingenuamente, ás perguntas que lhe foram dirigidas.

—Ai de mim! exclamou, minha irmã não se casará...

Estava longe de prever um desenlace tão penoso... Era eu mesma tão afeiçoada a esse rapaz... Imagine, senhor, que trago commigo uma medalha com o seu cabello, isto é, com parte d'aquelle que elle offereceu a minha irmã...

O desconhecido sorriu-se, ao ouvir esta innocente confidencia que lhe revelava a intima candura de uma angelica alma de creança.

A despeito das hesitações, das pouco explicitas confissões de Helena, comprehendeu tudo o que ella não ousava declarar; a pobreza d'essa familia, motivo que determinara o afastamento do noivo, admirando ao mesmo tempo a educação finissima e os puros sentimentos de Helena.

A carruagem parou á porta do jardim; a tia Joanna, que partira como doida á procura de sua sobrinha, não tinha ainda regressado a casa; o obsequioso guia recusou entrar, esquivando-se aos vivos agradecimentos que o esperavam. Em resposta á gratidão que Helena lhe significava, o desconhecido volveu:

—Sou eu que dou os parabens a mim mesmo, minha senhora, por ter tido a felicidade de lhe ser util.

No dia seguinte, apresentou-se em casa da familia Cabral um camarista do rei D. Fernando, portador de uma carta confidencial, endereçada a Helena, e acompanhada de um cheque, que representava uma fortuna. A carta dizia assim:

«Minha joven amiga, queira supplicar seu pai a que a autorise a accetar esta prova da minha elevada sympathia; não a recuse; a sua candura e a sua nobre alma saberão comprehender a minha respeitosa lembrança.»

«Fernando.»

Hoje, mercê d'essa regia doação, Helena Cabral acha-se casada, e, o que é ainda mais raro, é amada por seu marido.

HENRY DE BRAISNE.

MENDES LEAL

V

Não tardou Mendes Leal a revelar no governo qualidades administrativas para muitos inesperadas e predicados de ener-

gia, que só podiam conhecer os que viviam mais na sua intimidade. Entregou-se com actividade e zelo ao seu mister, occupou-se mais de gerir bem os negocios do que de enriquecer a legislação portugueza, e assim deu um grande impulso à marinha e às colonias, mas principalmente á marinha.

A actividade que se desenvolveu no Arsenal, e o movimento que se imprimio aos navios da nossa esquadra, attestaram que estava á frente dos negocios um homem que, apesar de poeta, mais tratava de realidades do que de phantasias.

Riram-se um pouco os maledicentes d'elle ter mandado inscrever nos navios da nossa armada a famosa inscripção: «Honrai a patria que a patria, vos contempla!» Ria-se aquella gente que imagina que são indifferentes estes appellos para o que ha de mais nobre e de mais elevado no coração e no espirito do homem. E de certo na placidez monotonica de uma viagem, o olhar indifferente do marinheiro fixa-se com desdem n'essa divisa, e algum mais humorista póde até achal-a comica. Venha porém a batalha, silve o signal que manda pôr a guarnição a postos, e essa divisa resplandecerá de repente aos olhos de todos, como a propria voz da patria ausente, e todos se sentirão com mais energia, com mais levantados brios, com mais ardente enthusiasmo.

E' certo que Mendes Leal recebeu de toda a parte os mais calorosos testemunhos de felicitação e de enthusiasmo pelo modo como zelou a honra e o decóro da patria nos dois annos em que gerira aquella pasta.

Em 1869 tornou ao governo, mas dirigindo então o ministerio dos negocios estrangeiros. Foi de breve duração esse ministerio, e poz-lhe termo a famosa revolução de 19 de maio.

Mendes Leal sentiu-se profundamente com essa desastrosa queda. Energico, brioso, decidido, nunca se poudo resignar a ter sido obrigado a sair do poder diante de um motim que tinha tão singular caracter.

Como aqui estou recopilando principalmente as minhas impressões pessoais, contarei um facto, que mostra bem como aquelle grande espirito attendia a todas as preoccupações, ainda que fossem da ordem mais diversa.

Havia pouco tempo que me filiara no partido regenerador, uma filiação perfeitamente platónica, porque só dois annos depois enrei a serio na politica. A fusão historico-regeneradora durava ainda. O ministerio que caíra em 1868 fóra regenerador apoiado pelos historicos, exceptuando a unha negra. Historicos e regeneradores tinham feito, juntos, viva opposição tanto ao ministerio Avila-Dias Ferreira como ao ministerio reformista. Este caíu principalmente diante das apostrophes apaixonadas e vibrantes de Rebeljo da Silva.

E cabe aqui outra informação, porque as vou lançando ao acaso, na certeza de que um dia poderão ser uteis a algum futuro historiador.

O sr. Manoel Vaz Preto, regenerador ardente, que, graças á influencia de que sempre dispoz no districto de Castello Branco, podéra dar logares na camara aos primeiros homens do partido, fazia opposição vivissima ao ministerio Vizeu. O ministerio estava já profundamente abalado, e na discussão que se travasse na camara dos pares podia levar um golpe mortal. Rebeljo da Silva, porém, o mais vigoroso orador da opposição na camara alta, hesitava em fallar, e parecia mais disposto a ficar em casa do que a ir deitar o ministerio a terra. Quem o arrastou foi o sr. Vaz Preto. Foi buscalo a casa, dissipou-lhe todas as duvidas, desfez-lhe todas as hesitações e deu com elle na camara dos pares.

Apenas começou a batalha, o corsel sentiu o cheiro da pólvora, e nada mais foi preciso. D'aquelles labios eloquentes saiu aquella admiravel e patriótica apostrophe, que produziu o milagre de enthusiasmar os velhos proceres, que vinham, tremulos de commoção, abraçar o grande orador.

O ministerio caíu, e o gabinete que lhe succedeu foi ainda representar a fusão, fusão já um pouco fria, deve dizer-se. Entrou um ministerio historico, apoiado pelos regeneradores. Foi assim que Antonio Rodrigues Sampaio recebeu a presidencia da camara dos deputados, e que Fontes Pereira de Mello os arminhos de par do reino.

Foi n'estas condições que o sr. João Chrysostomo Milicio me veio fallar a mim, a Ernesto Biester e a Ricardo Cordeiro para fundarmos um jornal, que foi a *Gazeta do Povo*. Levou-nos a casa de Mendes Leal, eu já conhecia e que nos recebeu excellentemente.

Fallámos do jornal, e dos diversos elementos que o deviam compôr. Discutio-se mesmo qual devia ser o romance que se publicaria em folhetim.

—Ha um de Dumas, disse eu, que appareceu agora, que ainda não li, de que folhee apenas n'um livreiro o primeiro volume, mas que me parece que deve ser interessante—*Blancs et bleus*.

—Não é romance, disse Mendes Leal, é uma serie de scenas dialogadas sem grande interesse.

Olhei para elle um pouco pasmado. Já conhecia os *Blancs et Bleus*; mas provavelmente folheára-os apenas:

—Comtudo, insisti, no primeiro volume esboça-se um romance passado em plenas guerras da Vendéa.

—Pois sim! redarguiu Mendes Leal; mas o romance, que se annuncia optimamente, desfaz-se nos volumes seguintes, e dissolve-se em scenas historicas, sem grande valor.

Era pasmoso!—Em plena crise ministerial, em pleno movimento de constituição de um gabinete, Mendes Leal tivera tempo de ler o ultimo romance de Dumas!

Escuso de contar, porque até me parece que já o narrei, como esse grupo se desfez logo nos primeiros mezes. A fusão continuava a esfriar.

O elemento regenerador saíu, o elemento progressista-historico ficou. Deu-se no jornal facto semelhante ao que se passava nas altas regiões da direcção dos partidos.

Saindo do ministerio, Mendes Leal affastou-se da politica militante, e tambem dos seus amigos.

Outros contarão, se a souberem, a historia d'esse affastamento. Sei apenas que Mendes Leal accoitou do ministerio regenerador a embaixada de Paris. Por esse tempo ou pouco depois accoitava o sr. Lobo de Avila, do mesmo gabinete, a embaixada de Madrid. Esses dois homens politicos de talentos superiores mostravam-se fatigados da vida publica militante e aspiravam ao repouso relativo da vida diplomatica. E o que é certo é que nunca mais nem um nem outro voltaram seriamente ás luctas politicas. O sr. Lobo de Avila, hoje conde de Valbom, tem tido ainda as suas intermittencias da politica activa; Mendes Leal nunca mais as teve.

Os seus amigos é que difficilmente lhes perdoaram o que elles consideravam como deserção.

—Quando voltarmos ao poder, dizia um dos *leaders* do partido, a primeira coisa que faremos será demittir o ministro em Paris e o ministro em Madrid. Com esses somos intransigentes.

Não o foram felizmente, nem esses dois homens notaveis deviam ser sacrificados aos resentimentos politicos de qualquer partido. Não nos occupamos agora do sr. conde de Valbom, mas Mendes Leal foi incontestavelmente um dos nossos ministros mais estimados e mais apreciados no estrangeiro, e um dos que prestaram maiores serviços ao paiz.

Em Paris soubera grangear a estima de todos.

Abriro o seu salão a todas as summidades artisticas e litterarias; passava-se deliciosamente a noite no salão da avenida Friedland, onde a sr.<sup>a</sup> D. Roza Biester Mendes Leal fazia as honras da casa com uma perfeita amabilidade, e com altissima distincção. Mendes Leal, extremamente cortez, conhecendo profundamente a França de baixo de todos os seus aspectos—politico, litterario e social—torrara-se facilmente um parisiense.

Sentiu-se isso quando Mendes Leal veio a Lisboa em 1880, acompanhando os escriptores que na nossa capital celebraram os congressos internacionaes-litterario e scientifico. Todos o procuravam, todos o rodeavam; quando queriam fazer algum brinde que fosse verdadeiramente agradável ao nesso paiz, faziam-n'o a Mendes Leal, como á individualidade mais notavel que tinham aqui encontrado.

Mendes Leal sabia captivar os de todas as formas.

N'um jantar official houve um engano na distribuição dos logares, e um general francez foi occupar a cadeira que pertencia a Mendes Leal. O nosso ministro era muito susceptivel n'estas questões, e devia sel-o não por elle, mas pelo paiz que representava. Comtudo, viu perfeitamente que fóra engano, e fez apenas a observação muito cortezmente.

O general veio logo pedir-lhe mil desculpas.

—*Général*, respondeu-lhe Mendes Leal com um fino sorriso, *ça ne m'étonne pas que vous m'ayez pris ma place. C'est l'habitude des généraux français de prendre des places.*

O dito circulou, rodeado de applausos. Decididamente o ministro portuguez era um verdadeiro parisiense.

Não irei mais adiante. Não quiz nem por sombras desenhar a figura brilhante de Mendes Leal, que ha de occupar na nossa historia politica e litteraria do seculo XIX um dos primeiros logares; quiz apenas, a proposito do excellent livro do meu preado amigo Brito Aranha, confiar ao papel, e aos leitores da *Illustração Portugueza* as minhas recordações pessoais, que alguns elementos de informação poderão dar talvez aos historiadores do futuro.

PINHEIRO CHAGAS.

## A BASTILHA PORTUGUEZA

(Conclusão)

Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, nosso ministro em Londres, tinha muita capacidade, grande reputação, e prestára bastantes serviços; mas, levado da sua pouca affeição ao gover-

no de Portugal, não media as expressões, e dava «algumas respostas rispidas nas cartas do offício!» Também falava e escrevia livremente do conde de Oeiras; continuava as suas relações com os jesuitas; e por todos esses motivos o lançaram nos cárceres da Junqueira.<sup>2</sup>

Apesar de bastante adiantado na idade, resistiu ao tormento da prisão, onde padeceu dezoito annos incompletos, sendo afinal posto em liberdade com os outros presos politicos, quando já contava perto de oitenta annos.

Bento de Moura Portugal foi preso pouco tempo depois de chegar do Brazil, onde tinha ido em commissão do governo respectiva á execução do celebre tratado de limites de 16 de janeiro de 1750. No reinado antecedente já elle tinha sido também encarregado de varias commissões de serviço publico. Estimava-o D. José I, distinguia-o a rainha e prezavam-no também os senhores de Palhavan; o que não admira, por ser dotado de «agudissimo engenho» como ja seu respeito escreveu o padre Theodoro de Almeida. Era muito das relações do nuncio e andava na roda dos fidalgos da intimidade do infante D. Pedro, os Angejas, os Marialvas, os S. Lourenço. Accusado também de falar mal do governo, e mettido n'um dos calabouços da Junqueira, foi um dos presos que alli mais soffreu, chegando a pretender suicidar-se.

No seu longo e minucioso interrogatorio escapou dos tractos, mas não da ameaça d'elles. Rigor desnecessario para quem respondeu sempre com a franqueza e a verdade de um perfeito homem de bem! Confessou que tinha por vezes apontado defeitos em algumas leis, indicando ao mesmo tempo o meio de as aperfeiçoar, e disse o que sabia ácerca da innocencia dos Tavoras e dos jesuitas no attentado contra o rei.

Bento de Moura Portugal falleceu no forte da Junqueira em 27 de janeiro de 1766.

Moravam com os irmãos naturaes do rei, D. Antonio e D. José, no palacio do marquez do Lourical em Palhavan, os dois cruzios vicentinos D. João VI, de Santa Maria de Jesus e D. Estevam, que haviam sido seus mestres. Tem-se attribuido a causas differentes a prisão de ambos, mas não é este ensejo o mais proprio para demoradas averiguações.

Quem ignora que o palacio de Palhavan era também, no dizer d'aquella epocha, um lugar de constantes murmurações, machinações e blasphemias contra o felicissimo governo de elle rei D. José e dos seus ministros? Do interrogatorio de D. João VI resultou com toda a clareza que a innocencia dos Tavoras e da Companhia de Jesus era ponto de fé em Palhavan. O sabio Moura Portugal, a segunda vez que foi perguntado, declarou que, quando ia visitar os filhos illegitimos de D. João V, procurava também o padre D. João, com quem tinha amizade desde Coimbra;—«e que n'essas occasiões sahiam para um arvoredo, e alli conversavam sem mais outrem estar presente; nem o estava na occasião em que lhe dera as noticias que tem declarado sobre a innocencia dos fidalgos que foram justicados.» E tanto era opinião corrente no forte que os dois frades e Bento de Moura tinham sido presos por fallar mal do governo que o marquez de Alorna os juntou no mesmo capitulo, a que poz a seguinte inscripção:—«Dos padres cruzios e de Bento de Moura envolvido nas mesmas culpas.»—

D. João VI morreu a 4 de setembro de 1771; e D. Estevam sabiu livre nos primeiros dias do reinado de D. Maria I.

Porque prenderam o escrivão Soares Cotrim e o clerigo Antonio Rodrigues? Diz o marquez de Alorna que por se «terem achado em casa de um e outro alguns versos satyricos contra Sebastião José» (pag 58). O primeiro foi degredado para Mazagão e o segundo permaneceu no forte da Junqueira até á morte de D. José I.

Estava o marquez de Alorna nomeado embaixador de Portugal na corte de França, quando foi preso na madrugada de 13 de

dezembro de 1758. Por ser casado com D. Leonor de Lorena, filha do terceiro marquez de Tavora, Francisco de Assis, e irmã do quarto marquez do mesmo titulo, Luiz Bernardo, houve suspeita de que elle tivera conhecimento da conspiração contra a vida do rei; suspeita que o duque de Aveiro confirmou nas quartas e ultimas perguntas, declarando que o marquez de Tavora, vendo o de Alorna também descontente do governo, o persuadira a entrar na conspiração; mas que nunca lhe constara que elle *concorresse immediatamente* para o attentado. A sua culpa foi, pois, a mesma que a do conde de Obidos, e a expiação d'ella durou quasi vinte annos de apertado carcere!

Antes de encerrado no forte da Junqueira estivera com Manuel de Tavora na torre de Balem.

O conde de S. Lourenço, D. João José Anberto de Noronha, gentilhomem da camara do infante D. Pedro e academico de numero da Academia Real da Historia, preso no castello de Bragança, por dizer mal do governo, foi de lá transferido para a praça de Almeida, donde veiu para o forte da Junqueira.

Refere o marquez de Alorna que elle, no seu interrogatorio, «disse taes cousas de Sebastião José que o desembargador, admirado e confuso, suspendeu o acto, dizendo que não escrevia blasphemias sem primeiro dar parte: voltou no dia seguinte, já livre de toda a duvida.» Sabemos hoje, pelos seus autos de perguntas, as *blasphemias* que elle proferiu.

Affirmou que o advogado Francisco Xavier Teixeira de Mendonça fôra preso por fazer um papel em que era accusado o conde de Oeiras «persuadido de que S. M. assim o permitia, e ainda o ordenava.» E por isso era sua opinião que o dito advogado estava livre de toda a culpa de inconfidencia, pela qual fôra preso. Que no reinado anterior eram desaprovadas resoluções regias «por muitos em que talvez entrasse o ex.<sup>mo</sup> sr. conde» (*de Oeiras*), sem que por tal motivo devesse julgar-se que essas pessoas tinham commettido crime. Que mal podia conformar-se com a nova doutrina, pela qual «se tornavam inconfidentes muitos de nossos avós, tidos e havidos sempre por honrados, dos quaes nos consta desaprovaram altamente as resoluções publicas.» E até aquelle velho que Luiz de Camões apresenta na praia do Restello a clamar contra a idéa do descobrimento da India

Oh! maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas véla poz em secco lenho!

«E a quem chama honrado, se acha privado d'esse character que por duzentos annos se entendeu lhe competia bem, e fica

tido por inconfidente, e não menos que inconfidente.»

Não se limitou, porém, o conde de S. Lourenço a fallar sempre ao seu verdugo n'esse tom de chistosa maledicencia, que é muito de admirar na desesperada situação em que elle se via. Carregou ainda mais a mão com referencias mordacissimas ao despotico regimen do valido insolente e deshumano, como foi a subita deposição do seu collega Diogo de Mendonça Corte Real e o insolito procedimento de ser tido «por muito grande crime haver quem dissesse ou se atrevesse a dizer que podia haver quem attentasse contra a vida dos secretarios de Estado, e promettendo vinte mil cruzados a toda a pessoa que prendesse ou ainda só denunciasse quem tal dissesse; ao mesmo tempo que quando succedeu o nefando caso de se attentar contra a vida de S. M. foram promettidos só dez mil cruzados, a quem prendesse o que attentou contra a vida de S. M. e o poz á morte.»

O conde de S. Lourenço sabiu muito doente do forte da Junqueira.

Causa dôr profunda ler nas *Prisões da Junqueira* (pag. 24) —«Em morrendo algum preso para logo se cuida no enterro: a maior parte tem passado para a cova poucas horas depois de mortos, e d'esta forma sabe Deus se enterrariam alguns ainda com vida.»—O *Assento dos Presos* veiu infelizmente mostrar que



DR. CEZARIO D'ABREU

<sup>1</sup> Cit. *Prisões da Junqueira*, pag. 76.

<sup>2</sup> Sr. Latino Coelho—*Hist. Pol. e Lit.* t. I pag. 114 e 115.

Cit. *Prisões da Junqueira*, pag. 66.

essa asserção é verdadeira. O conde da Ribeira Grande, Antonio da Costa Freire, D. João VI e João de Mattos foram todos sepultados no dia em que falleceram. O obito e o respectivo assento tem ambos a mesma data.

Na verdade, as condições em que os presos viviam não podiam ser peores. Cada carcere tinha de comprimento sete passos, pouco mais ou menos; e eram quasi todos tão escuros que n'elles se não podia ler sem candieiro. Em taes circumstancias só por milagre os presos lograriam saude, e, quando doentes, eram muito mal tratados. Tanto o ministro que servia de carcereiro, como os guardas e os servos tinham tão pouca caridade com elles, que muitas vezes, havendo doentes de consideração, vinha o desembargador á sala dizer ao medico:—«que se fosse embora, porque não era cá necessario!» Portanto, não será temeridade acreditar que a morte de alguns presos foi em grande parte devida ao máo tratamento e falta absoluta de cuidado.

Com o que atraz dissemos e o que já se sabia pelas *Prisões* do marquez de Alorna temos hoje noticia completa dos carceres da Junqueira, os quaes tão grande horror causaram a todos os contemporaneos que um dos primeiros actos do governo de D. Maria I consistiu em os arrazar. Assim que a bastilha portugueza foi tambem demolida, não como a de França ás mãos do povo, n'um impeto de furor revolucionario, mas por vontade reflectida e benigna resolução da soberana.

No espaço outr'ora occupado pelo forte da Junqueira está hoje o edificio denominado *Porto Franco*.

ALBERTO TELLES.

## PHANTASIA TRISTE

A D. A. J. DE V.

Eu tive a noite finda um sonho horrivel;  
sonhei contigo, oh anjo idolatrado,  
e vi teu corpo branco, aveludado  
inerte e frio no caixão terrivel.

O dia nevoento e tenebroso,  
gelava a alma de tristeza e medo,  
e eu fui dizer-te—morta—o meu segredo  
ao teu ouvido immerso no repouso.

Cortava o ar as lagrimas geladas  
das nuvens que no ceu se atropellavam,  
as nuvens que por ti tambem choravam  
nos lyrios e magnolias perfumadas.

Eu não chorava; em extasi profundo,  
fitava a tua face desmaiada,  
com a alma em tanta lagrima banhada,  
que já não tinha lagrimas p'ro mundo.

Segui-te lentamente ao campo-santo,  
como um rafeiro á cova segue o dono,  
e fui ver-te dormir o eterno somno  
envolta em vaporoso e alvo manto.

Beije-te as mãos inertes, claras, frias  
as mãos tão delicadas e tão finas,  
as tuas leves mãos, tão pequeninas,  
que a vida me bordaram d'alegrias.

Pouzei meus labios quentes sobre os teus  
gelados, insensiveis, duros, mortos!  
e vi teus olhos negros e absortos  
cravados com tristeza sobre os meus!

Então senti que a alma me fugia  
p'ra o teu cadaver branco, muito frio,  
e em torno me pareceu tudo sombrio  
como as horas fataes d'aquelle dia.

Vivi depois no mundo longamente,  
sem ter no coração alento e vida,

emquanto no teu seio, adormecida,  
a alma me ficára eternamente.

Lisboa, 1887.

ALFREDO GALLIS

## O MEDO

Uma noite abancavamos com alguns amigos á mesa d'um café. Discutiam-se as illusões dos phantasmas, os pueris receios do desconhecido e aquelles curiosos casos de allucinação em que nos parece vêr-se ante nós a imagem d'uma pessoa querida, evocada pela prodigiosa faculdade creadora da imaginação, que por momentos chega a dar fórma a ideias.

Todos acaloradamente tomavam parte na conversa, excepto Alvaro, que a um dos extremos, calado e cofiando o bigode n'um gesto costumado, apenas se sorria ao que diziamos, aos factos que narravamos e ás theorias mais originalmente excentricas. Elle, que era o mais fallador de todos nós, que nunca deixava em qualquer discussão de tudo ridiculisar com os seus apartes sarcasticos, assistia desde o principio da discussão suscitada por um nada, de que já nem me recordo, sem pronunciar uma só palavra, parecendo absorto em pensamentos intimos profundamente melancolicos.

Quando, no calor da palestra e explanando um qualquer facto viridico empreguei varias vezes a palavra *medo*, elle, chegando a cadeira um pouco mais para junto de nós e pousando-me a mão no hombro, mão que senti tremer, disse abruptamente:

—Tu sabes o que é o medo?

Atrapalhado, sem poder dar uma cathegoria resposta áquella inesperada interrogação, fiquei alguns segundos calado, e depois de hesitar um pouco, respondi:

—O medo é uma particular e especial apprehensão do espirito preocupado fórtemente com uma qualquer ideia de perigo.

—Ora ahí está como te enganas! E voltando-se para os meus companheiros, continuou:—E vossés sabem o que é o medo?

Ninguém respondeu. Todos, encolhendo os hombros, sorriram.

—Dizem que o medo é um estado do espirito preocupado com uma qualquer ideia de perigo, e eu mostrar-lhes-hei, pela narrativa d'um caso intimo, que se póde ter medo na completa acepção da palavra sem haver receio de perigo.

E depois de tomar um largo golo de *cognac*, começou: Nascido e creado, como sabem, n'uma pequena aldeia nas asperidões do Alto-Minho, aprendi a nada temer, a tudo arrostar—desde a lucta com os elementos até aos combates dos animaes ferroses.

Nas noites de inverno, tempestuosas e escuras, d'aquella escuridão espessa que só póde avaliar quem tem vivido algum tempo na aldeia, corria eu os mais terriveis barrancos, os sitios infestados pelos lobos, e as serras frequentadas pelos miseraveis salteadores. mais esfomeados e crueis que aquellas pobres bestas selvagens. Vi-me muitas vezes em lances horriveis, houve momentos em que acreditei que era impossivel escapar á morte, e nunca, por um segundo só, tive o que se chama medo.

Ria-me quando via qualquer homem considerado na aldeia como um valentão, persignar-se ao ouvir os pios melancolicos da coruja, ou tremer de susto ao escutar o uivar longinquo de algum cão de gado, perdido do rebanho. Anciava pelo sobrenatural, pelo apparecimento d'essas fadas, bruxas e lobis-homens que os meus credulos patricios a cada passo diziam ter visto, e por mais que, repetidas vezes, fosse passar pelo sitio e ás horas em que elles appareciam, nada vi, nada presenciei que me podesse espantar.

As bruxas não queriam nada commigo...

Tentei as mouras encantadas, e na noite de S. João, ao bater da meia noite, estava eu de atalaia junto de uma velha torre, derrocados vestigios do poderio romano, á espera da formosa donzella que alli vinha prometter os seus thesouros e a sua belleza,—a opulencia de nababo e os gosos estonteadores de uma volupia não sonhada—a quem fosse assaz ousado para lhe quebrar o fadario.

Mas, nova decepção, a virgem encantada como as bruxas não appareceu tambem! Capacitei-me então de que era impossivel ter medo de cousa alguma, e essa crença levou-me a commetter as maiores loucuras.

N'isto, no meio da felicidade do meu viver tranquillo, veio acabrunhar-me um instantaneo golpe. Minha mãe, na força da vida, quando nada fazia prever tão inesperado acontecimento, falleceu de repente.



UM FEITICEIRO DA AFRICA AUSTRAL

(EPISODIO DA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO DE SERPA PINTO)

Não lhes posso descrever o profundo pezar que então soffri. De chofre, via desaparecer de meu lado a amiga terna e carinhosa, aquella que me emballava com todos os extremos do seu affecto, e a quem eu prestava o reverente culto de uma adoração sem limites. A commoção foi tão forte que fiquei como louco, e durante horas estive n'um estado de excitação que fez crer a todos os de casa que a minha razão não resistira a tão duro golpe.

A reacção veio porém com as lagrimas, e, chorando, recuperei a limpidez das faculdades intellectuaes.

Durante a minha crise nervosa, a morta tinha sido transportada do leito onde fallecera para o caixão collocado n'um pequeno catafalco erguido na sala principal; e quando plenamente voltei a mim, foi junto d'ella que passei todo o tempo que me era dado poder ainda gosar da sua companhia.

Fui eu que velei a ultima noite junto do seu cadaver, quando todos cahiram exhaustos de fadiga, aturdidos pelo excesso de dôr. Reclamei este ultimo preito de veneração para com a memoria de minha mãe, mas quando me vi só, senti que o sangue me não circulava nas veias como até então...

A sala toda estava forrada de preto, o que lhe dava um aspecto soturno que confrangia o coração. As velas de cera accensas ant uma imagem representando Christo no doloroso transe da agonia, apenas allumiavam um pequeno espaço, e no restante da sala, nas meias tintas provenientes da junção da luz com as trévas, havia um constante movimento ondulatorio a que a minha imaginação dava vulto, parecendo-me vêr por momentos uma dança macabra de mil phantasmas horriveis, festejando a entrada para o seu gremio de mais uma victima.

O crepitar dos lumes era o unico ruido que perturbava aquelle horrido silencio.

Para me libertar da impressão de receio que sobre mim pesava, curvei-me e dei um beijo na face de minha mãe; mas o contacto dos meus labios ardentes com aquella face d'uma frialdade marmorea, fez-me, involuntariamente, soltar um grito.

Ao ouvir o som da minha propria voz, os cabellos ergueram-se-me, e cahi n'uma cadeira, tremendo, n'um vago susto de que não podia explicar a causa.

Reagi, porém, contra estes receios pueris, e puz-me a pensar na morta querida que tinha ao lado, nos cuidados de que me cercara a descuidada infancia, dos carinhos que para mim tinha quando eu estava doente e dos sacrificios que fizera para me tornar feliz.

Todo o passado ditoso me vinha de tropel á imaginação sobreexcitada, onde corriam, como n'um kaleidoscopo, as figuras attrahentes dos parentes e dos amigos que me emballaram com o extremo dos seus affectos, e aquella outra imagem que eu começava já a divinizar como a de uma santa, que sempre fôra o meu refugio nos momentos de angustia e desalento, e que em breve deixaria para sempre de ter junto de mim.

Com as lagrimas a correrem-me pela face, curvei-me fixando attentamente o rosto de minha mãe, para que elle nunca se me podesse varrer da memoria.

N'isto, não sei se realidade, se illusão dos sentidos produzida pelo excepcional estado de excitação em que me via, pareceu-me que os olhos da morta se descerraram e que um doce sorriso de felicidade levemente lhe contrahiua as commissuras dos labios...

Então apoderou-se de mim um não sei que, um terror que me é impossivel de explicar, soltei um grito mixto de agonia, e doido, allucinado, fugi pela porta fóra, galguei as escadas e corri, corri sempre como um louco, até cahir extenuado no meio d'um extenso campo.

Pela vez primeira na minha vida tinha tido medo, MEDO e MEDO!

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

SILVA COSTA

O retrato que hoje publicamos é o de um marinheiro que honrou a patria com os seus exemplos de sã disciplina, e de amor inexcedivel pelo serviço publico.

O capitão de mar e guerra Antonio Joaquim da Silva Costa, contava 60 annos de idade, e era, á data do seu fallecimento, commandante da divisão naval d'África Oriental e mar da India.

A noticia da morte d'este bravo official de marinha, foi rece-

bida em Lisboa no dia 12 de abril findo. Produziu sensação, e muito natural, como sempre que se regista o passamento de um homem que consumiu a melhor parte da sua vida no serviço da nação, dando não só boa conta de si, mas honrando-a com os seus merecimentos.

Fôra nomeado aspirante a guarda-marinha em 22 de junho de 1841, tendo 14 annos de idade.

Foi nomeado guarda-marinha graduado em 1 de dezembro de 1843 e effectivo em 3 de dezembro de 1844; promovido a 2.º tenente graduado em 5 de novembro de 1850, e effectivo em 6 de novembro de 1851; a 1.º tenente em 7 de novembro de 1860; a capitão-tenente supranumerario em 10 de julho de 1866 e do quadro em 2 de agosto de 1871; a capitão de fragata em 16 de agosto de 1876 e a capitão de mar e guerra em 25 de janeiro de 1883.

Era commendador de Aviz, cavalleiro da mesma ordem e das de Torre e Espada e Conceição e official da Torre e Espada.

Tinha as medalhas de prata do valor militar, bons serviços e comportamento exemplar, e do merito, philantropia e generosidade.

Commandou a canhoeira «Barão de Lazaim», as corvetas «Rainha de Portugal», «Bartholomeu Dias», «Damão» e «Duque de Palmella» a canhoneira «Douro» e as estações navaes de Moçambique e Macau.

Foi tambem commandante da barca «Martinho de Mello».

O estado perdeu em Silva Costa um dos seus melhores servidores, e a sociedade um homem de bem.

O DR. CEZARIO D'ABREU

E' um medico homeopatha, mas um homeopatha convicto, um crente, um crente audaz, sempre na brecha pela causa que abraçou e que elle julga ser a da verdade, sempre prompto para a lucta em prol da idéa de que elle é um dos apóstolos mais illustres.

Muito novo ainda, porque Cezario d'Abreu, apesar dos seus numerosos trabalhos scientificos e dos grandes serviços que tem prestado á homeopathia portugueza, não tem ainda trinta e oito annos, desde que se convenceu de que a verdade scientifica estava do lado de Hahnemann, dedicou-se corajosamente á propaganda d'essa verdade, deixou os velhos caminhos trilhados, e envergando as vestes de missionario e ao mesmo tempo de luctador, lançou-se ousadamente n'esse rude trabalho da propaganda e do combate.

Nascido em Coimbra, em novembro de 1849, d'um pae que teve um nome illustre na historia das gloriosas luctas da liberdade, o sr. Victor Madail de Abreu, e d'uma mãe, que foi o modelo das esposas e é ainda o modelo das mães, pelas altas qualidades do seu robusto espirito e do seu santo coração, o sr. Cezario d'Abreu tomou, glorioso pela sciencia, o nome que recebera glorioso pelas armas.

Quando falleceu o sr. Madail d'Abreu, em 1868, Cezario de Abreu tinha apenas dezenove annos. Seu pae morrera sem deixar largos haveres, e Cezario d'Abreu, logo no começo da vida, teve que luctar denodadamente pela existencia.

Valeram-lhe sua boa e santa mãe, seus parentes, alguns amigos e sobretudo a sua grande tenacidade e energia. Ao mesmo tempo que estudava, Cezario d'Abreu leccionava, para fazer face ás despesas dos seus estudos.

E assim, trabalhando incessantemente, graças á sua energia, á sua força de vontade, e ao seu trabalho intelligente e incansavel, Cezario d'Abreu conseguiu matricular-se na Universidade, na faculdade de medicina.

Quando estava porém já no segundo anno—1873-1874—circumstancias particulares, a que a politica não foi estranha, e a que o seu character digno e levantado se não podia curvar, obrigaram-n'o a deixar a Universidade e a ir para o Porto terminar o seu curso.

Para se matricular, porém, na escola medica do Porto, faltava-lhe o exame de inglez. Cezario d'Abreu estudou esta lingua em dois mezes, fez exame, e foi admittido por portaria especial a matricular-se no 3.º anno da escola medica do Porto.

Ahi foi um estudante distincto e concluiu o seu curso brilhantemente, tendo a estima e a consideração dos seus professores, os srs. Pereira Reis, já fallecido, Gramacho, Carlos Lopes, e Eduardo Pereira Pimenta.

Em 1878 defendeu a sua these inaugural, e começou a sua carreira medica, em que tão rapidamente se distinguiu, tornando-se em menos de dez annos um dos medicos homeopathicos mais conhecidos não só do nosso paiz como tambem do estrangeiro, onde o seu nome é muito respeitado, e os seus estudos citados com muito frequentemente louvor, sobre tudo nos jornaes homeopathicos de Madrid, França e Brazil.

O dr. Cezario d'Abreu não é simplesmente um pratico. Alem da sua longa clinica, estuda e estuda enormemente, e são d'isso



prova eloquente e brilhante os importantes trabalhos que tem publicado e que tão apreciados tem sido no paiz e no estrangeiro.

Esses trabalhos são:

«Dissertação inaugural.

«Estudos geraes sobre a homeopathia.»

«Do Progresso da medicina pela homeopathia.

«Homeopathia e allopathia.»

Em junho do anno ultimo, fez o sr. dr. Cezario d'Abreu nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa, duas importantes conferencias sobre o *Cholera morbus*.

Essas conferencias, que chamaram ali extraordinaria concorrencia e mereceram ao seu illustre auctor a homenagem e o applauso de muitos homens illustres, foram realmente notabilissimas e mostraram mais uma vez a profunda sciencia, o aturado estudo e a brilhante intelligencia do illustre conferente. Principalmente a parte que diz respeito á geographia do cholera, é um trabalho de primeira ordem, que faz honra á sciencia do notavel medico.

O sr. dr. Cezario d'Abreu é socio correspondente das sociedades medico homeopathicas de Madrid, França e Brazil.

Homem de sciencia, medico distincto, a sua numerosa clinica tem-lhe dado o profundo conhecimento da medicina pratica, que só a experiencia podia fornecer; as suas aptidões especiaes, a dedicação com que estuda todas as enfermidades, o desvelo com que trata todos os doentes, fazem d'elle um dos medicos mais apreciaveis de Lisboa.

A medicina, para o dr. Cezario d'Abreu, não é uma profissão, é um sacerdocio a que elle dedica todo o seu acrisolado amor, toda a sua vasta intelligencia, todo o seu aturado estudo.

E sem descançar nunca, ao passo que a sua clinica é já hoje uma das mais numerosas de Lisboa, o dr. Cezario d'Abreu dispõe ainda de tempo para os trabalhos de gabinete, tendo já no prelo um livro de alta importancia «Apontamentos para a historia da medicina homeopathica de Portugal» e está escrevendo uma nova obra «Traços geraes sobre biologia.»

#### UM FEITICEIRO DA AFRICA AUSTRAL

(Episodio da viagem de exploração de Serpa Pinto)

O feiticeiro da Africa austral é um sujeito que diz adivinhar o futuro.

Para a consulta, colloca-se no centro d'um circulo formado pelo povo, que deve estar assentado. Arma-se d'uma cabaça e d'um cesto. A cabaça contém missanga grossa e milho secco; o cesto é cheio d'ossos humanos, legumes seccos, pedras, piumas, caroços de frutas, ossos d'aves, espinhas de peixes, etc.

Começa por sacudir a cabaça, e durante a chocalhada que faz, invoca os *espíritos malignos*; ao mesmo tempo sacode o cesto, e nos objectos que vão apparecendo na parte superior, vae lendo o que se quer saber do presente, do passado e do futuro.

A nossa gravura representa um feiticeiro do Bihé, cercado de povo, mostrando a sua sciencia a Serpa Pinto e lendo-lhe a *buena-dicha*.

Segundo conta o illustre explorador no seu livro, a cerimonia da adivinhação fez-se com grande aparato. O negro adivinho leu nas trapalhadas do cesto as coisas mais lisongueiras a respeito de Serpa Pinto, affirmando que elle era o melhor dos brancos, que a sua viagem seria feita com grande felicidade, e que felizes seriam todos quantos o acompanhassem.

Os feiticeiros são ouvidos e consultados n'aquellas regiões em tudo e por tudo. Nada ali se faz sem que elles adivinhem primeiro.

#### D. MARGARIDA RELVAS

A malograda senhora de quem hoje damos o retrato, e que ha pouco se escondeu para sempre nas brumas do tumulo, era a esposa amantissima de Carlos Relvas e a protectora desvelada dos pobresinhos da Collegã.

D. Maria Relvas havia nascido em 9 de maio de 1838 e era filha dos nobres condes de Podentes.

Casou, em 26 de agosto de 1853, com o sr. Carlos Relvas, que hoje deplora a perda da santa que lhe foi companheira fiel, esposa extremosa e amiga dedicada em 34 annos de carinhosa convivencia.

Póde dizer-se que a vida da malograda senhora foi um continuado exercicio da caridade, e que só na pratica d'essa virtude christã encontrava prazer essa alma privilegiada, que só em fazer bem se comprazia.

Filha devotissima, esposa exemplar, mãe desvelada e cariciosa, taes eram os predicados que constituíam o triplice diadema que aureolava o seu caracter.

Como filha, não se encontraria uma que a igualasse em extremos de ternura.

Como mãe, podia medir a sua dedicação e o seu affecto com o de todas as mães, que se prezam de sabel-o ser.

Como esposa, nenhuma haverá mais carinhosa, mais sollicita, mais fiel e dedicada.

Parece que aquelle coração, repartido por estes tres affectos, não devia nem podia sentir outros.

Nisso é que estava a superioridade do seu caracter.

A alma de Margarida Relvas era um manancial inexaurível de ternura, e não havia infortunio que não encontrasse n'ella lenitivo, não havia desgraça que não tivesse n'ella uma cariciosa protectora, não havia amargura que ella se não esforçasse por dulcificar com os recursos da sua bondade e da sua fortuna.

#### DAMAS CHINEZA E TARTARA

São bonitas as chinezas? São bonitas as tartaras? São bonitas, mas, como em toda a parte, ha-as tambem feias. O que ellas são, em geral, é pretenciosas e casquilhas, adorando as joias e os enfeites.

A nossa estampa representa uma dama chineza e uma dama tartara de Pekin. Qualquer d'ellas, em boa verdade, não deve nada á formosura, como se vê. Depois, aquelles penteados extravagantes, á *phenix*, ficam-lhes a matar. Não parecem mulheres; assemelham se a duas bonecas.

## AMELIA

### RECORDAÇÕES DA INFANCIA

(Initação da *Vieille chanson du jeune temps*, de Hugo)

Quando em Amelia outr'ora não pensava,  
Nós iamos passeiar pelo jardim,  
E o seu olhar então se repousava  
Melancolico e triste sobre mim.

Seguia-a quasi sempre descuidado;  
Não sabia sequer de que fallar.  
Ella, ás vezes, sorria, outras, turvando  
O seu olhar, se punha a suspirar.

Eu tinha o frio estúpido dos marmores  
Que recolhem os ossos dos heroes;  
Fallava-lhe das flores e das arvores  
E o seu olhar dizia-me: «Depois?»

Se as aves suspiravam nas quebradas,  
Eu ia, indifferente e a sorrir,  
Tregar nas goiabeiras carregadas,  
E Amelia me chamava para ouvir.

Se Amelia para as flores estendia  
O seu formoso braço esculptural,  
O meu olhar estúpido não via  
A alvura d'essa carne sensual.

Tambem no lago azul ás vezes, quando  
Os seus pequenos pés por muita vez  
Amelia mergulhava, suspirando,  
Não via descalçar aquelles pés.

Um dia, do jardim quando voltava,  
Amelia me beijou, dizendo assim:  
«Não penso n'isto mais.» E soluçava,  
Olhando muito triste para mim.

Mais tarde, disse-lhe eu: «E's muito bella  
E mostraste-me já...» «Talvez, talvez;  
Mas não me lembro d'isso,» disse-me ella,  
E agora lembra-me isto muita vez.



D. MARGARIDA RELVAS

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

—Ora salve-o Deus,  
E a todos os seus;  
Cá tem, do alfacinha,  
Para com vagar  
Ler e decifrar,  
Uma charadinha.

. . . . Por um rei começo,  
. . . . A dança, menino,  
. . . . E depois de um rio  
. . . . Com villa termino.

Segundo o que eu creio,  
Viaja em *Recreio*,  
—Assim o deseja!—  
Pois ha longos tempos  
Que nos *Passatempos*  
Não ha quem o veja.

MATHEUS JUNIOR.

Ô Aniceto Sá Nabuco  
P'r uma mina ter de areia,  
Dizem muitos que é maluco,  
Não sendo ell' falto de idéal

Já é ter falta d' ciso!  
Pois elle mais que ninguem  
Tem juizo, mui juizo,  
Assim como o leitor tem. 2

Se algum menos circumspecto  
Diz ser elle toleirão,  
Sinto—não pelo Aniceto,  
Por quem m'o diz—compaixão. 1

Mas o Nabuco é valente,  
—Quem ao pé d'elle faz troça?  
A ninguem ditos consente  
E aos atrevidos dá cossa.

Um dia, quasi ficou  
Certo trocista n'um feixe,  
Porque o Sá aconselhou  
A negociar em *peixel*

MATHEUS JUNIOR.

Ramo é cabeça?  
Péla é animal?

ARIEVILO &amp; ORUOL.

## Enigma

Dedicado aos distinctos charadistas: —Matheus Junior, J. Soares,  
Pequeno Antoninho e M. Monteiro Junior

Premio: — A photographia do auctor, ao primeiro d'estes cavalheiros  
que lhe enviar a decifração para Castello Branco, L. da Sé.

De vinte e cinco que temos,  
Tres podereis escolher;  
São por vós bem conhecidas  
Ainda o posso dizer.

Conhecer tambem deveis,  
Que são tiradas do mar;  
Portanto, a este respeito,  
Não ha mais nada a juntar.

Procurai em vossas casas,  
Mas com bastante attenção,  
Que inda as deveis encontrar  
N'algun sitio; pois não?!

Das tres que vós escolhestes,  
Cincoenta podeis tirar;  
Se o fizerdes, um sujeito,  
Com certeza, haveis de achar.

ANTONIO R. BRANCAL.

## Carta enigmatica

Querida 12, 5, 4, 10, 2.

Regressei ha 7, 4, 11, 7, dias de 5, 4, 10, 16, 7, 2, e gostei  
4, 3, 3, 12, 19, 10, 15, de ver a rainha do 7, 8, 9, 19, 21, como diz  
Alexandre Herculano.

Como passa a 8, 9, 17, 15, 6, 4, 19, 2, dos seus incommodos?  
Desejo que se 17, 12, 10, 11, 9, 16, 12, 12, 5, 12, 1, 2, para vir  
aqui ao 16, 2, 4, 6, 12, por occasião do 12, 10, 2, 3, 12, 19, 11, 7,  
da nossa amiga 1, 2, 3, 4, 5, 6, 2, com o primo 8, 9, 17, 5, 7, 10.

Tenciono gosar 16, 2, 10, 11, 2, 19, 11, 12, e já tenho par para  
10, 12, 4, 10 quadrilhas.

Ha 10, 2, 16, 12, 10, que falleceu a 5, 12, 7, 19, 7, 17? Morreu  
11, 4, 10, 4, 1, 2. Eu tive muita pena da pobre 3, 12, 19, 4, 19, 2,  
18, 1, 8, 12, 4, 11, 9, saudades de minha 11, 4, 2, e um 9, 16, 17,  
18, 20, 21,

da tua amiga

15, 12, 3, 12, 19, 11, 4, 19, 2, .

Faro

M. CAROLINA C.

## Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO: —Militar—Crustaceo.

DA CHARADA EM DIALOGO:—Ferrabraz.

DA CHARADA MAPPA:—

Pã	ta
ta	ça

A R I R

N'uma junta de revisão.

Apresenta-se á junta um mancebo sorteado para o serviço militar. E' maneta.

—Creio que não é preciso despir-me, diz elle. Bem veem que sou maneta e que estou, por isso, ao abrigo da lei.

—Não importa, responde-lhe um membro da junta. Dispa-se sempre

—???

—Queremos ver se traz a mão escondida no fato.

\*

Entre viúvas, que conversam dos defuntos maridos:

—Não esquecerei nunca a data da sua morte. Foi um dia horrível para mim!

—Ha quanto tempo morreu?

—Ha dois ou tres annos.

## UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA DOIRADA PARA ESCREVER

Pós de oiro, 5 grammas; agua gommada, a quantidade necessaria. Para preparar o oiro, moe-se sobre pedra marmore, com uma mão da mesma pedra, oiro em folha, juntando-lhe mel de primeira qualidade.

Dissolve-se a mistura em agua pura, decanta-se o liquido e guarda-se o residuo que fica no vaso; lava-se depois até perder o cheiro, secca-se e recolhe-se em frascos.

Usa-se esta tinta dissolvendo um pouco de pó em agua gommada e escrevendo com penna ainda não servida.

## A AUGUSTA

Verem-se e amarem-se, foi obra de um momento. Elle morava n'um quarto andar, ella n'um quarto andar fronteiro. As janellas de um e outro andar, davam sobre o telhado, o que os obrigava a contemplar o ceo e... os gatos, genero de diversão proprio para almas poeticas e enamoradas.

Quando ella, inundada pela luz do sol, saia da sua janellinha pequena, do feitio da caixa do ponto nos theatros, e se debruçava na platibanda de pedra lioz rendada, a sua belleza radiante enchia o espaço como um bouquet poisado n'uma jarra dentro de enorme salão.

Envolta no seu vestido liso de percal amarello com pequenos amores perfeitos, parecia uma visão doirada. O seu corpo robusto mas esculptural, desenhava-se vigorosamente. Alta e desempenhada, tinha uma cabeça pequena de mulher fina. Um cabello preto e brilhante, penteado á grega. O rosto oval e moreno. A testa pequena e lisa. Um conjuncto de belleza o nariz e os labios, ligeiramente caraudos. Os olhos pretos. Os pulsos fortes e as mãos grandes, mas bem modeladas e rosadas, denotando um poderoso sangue, eram as unicas notas plebeias na harmonia plastica da irresistível costureira.

Apenas de dezoito annos d'idade, já o seu typo era a expressão da força e, ao mesmo tempo, da ingenuidade. Ella queria saber, e era totalmente destituída d'esse ar de escarneo que se nota em quasi todas as physionomias das raparigas do povo em Lisboa.

Vivia só com a mãe, no quarto andar da rua do Principe. A mãe era uma matrona de respeitabilissima catadura, de cabeça quadrada e olhar duro, viúva de um sargento reformado, e natural do Algarve. Mulher de uma grande actividade, fizera-se engommadeira, e tirava d'isto fartos proventos com que costeava a casa. A filha, que trabalhava na modista, ganhava para si. E não se pense que ganhava pouco. Quando foi do casamento do principe, em que as costureiras de modista andavam por empenho, teve dia de dez tostões e serões a quartinho.

—Tambem desunhou-se a trabalhar!—exclamava a mãe com o santo orgulho da gente pobre que vive do seu trabalho.

N'aquelle lar, imperava a paz e a alegria saudavel da lucta intelligente pela existencia.

Todos os dias, ás 6 horas da manhã, a mãe estava a pé e fazia erguer a filha. Preparavam em seguida o almoço e a mãe ia levá-la a casa da modista. A's 2 horas mandava-lhe o jantar. A's ave-marias ia buscal-a.

A' ceia liam o jornal da noite favorito, davam alguns pontos e recolhia cada uma ao seu quarto.

O quarto da Augusta era muito catita. Forrado de papel gris adamascado, ornado de magnificas oleographias ingenuas como a sua alma—paizagens, marinhas, aves. Uma gaiola chic junto da janella, com um canario das ilhas, muito feio, mas muito bom cantor. O resto da mobilia, era um leito de ferro pintado de branco, com colcha branca. Um guarda-vestidos de vinhatico, uma commoda com pedra marmore, um toucador e uma mesa de cabeceira.

—Estás servida como uma princeza!—costumava dizer a mãe—Não viste o outro dia os quartos da Annica, da Maria e da Jacintha? Credo! Aquillo é que é miseria! E o peor, é que é tudo por ahí assim!—(depois de uma breve pausa)—Em casa d'ella, quando o pae trabalha, os filhos não querem fazer nada e vice-versa.

A Augusta, que era de poucas fallas, mercê talvez de não ter nascido no Algarve, acenava com a cabeça—que sim.

\* \* \*

Um dia, quiz o destino que fosse morar para o predio fronteiro e para o quarto andar, n'um quarto alugado, um rapaz. Era a primeira vez que a Augusta via diante de si e n'aquellas alturas, um visinho joven.

Até áquelle momento, o andar estivera alugado a um casal de velhos, e todas as manhãs, quando ella se erguia e punha a gaiola ao sol, o que via assomar á janella fronteira, era o rosto encarquilhado do velhote; levantado para o norte, a verificar se estava tempo de chuva. Pelo dia adiante, a digna consorte do ginja, tambem apparecia, mas para estender as piugas do marido.

Canarios e gaiolas é cousa que não existia n'aquella sombria habitação. Seres uteis e praticos, só tinham um gato preto, que se refestelava sardanapalicamente ao sol, sobre o telhado, fitando com ar guloso, na gaiola da Augusta, os seus olhos redondos e amarellos, de uma grande patifaria felina.

Era triste, principalmente ao domingo, quando a rapariga ficava em casa.

A Augusta debalde se debruçava na platibanda. D'aquella altura vertiginosa, só via girar na rua cestos de pão e chapeos, sob os quaes se suppunha que iriam homens.

Foi portanto com alvoroço que os seus olhos, deslumbrados pela admiração, viram um dia na janella fronteira, a figura gentil e insinuante de um rapaz quasi imberbe e egualmente embascado para ella.

Serriram-se involuntariamente um do outro, até que chegou o momento em que sorriram a valer um para o outro.

N'esse dia, o deus travesso do amor tinha mettido uma flecha nova no seu arco.

Correu o idyllio os seus tramites legaes, desde a piscadela d'olho, até ao envelope perfumado. Mais tarde, por medida de economia... de tempo, desandaram a telegraphar com os dedos, para não dar escandalo. Por fim, com essa sagacidade de nanorados que comprehendem que em assumptos de amor ha o *habeas-corpus*, passaram a falar de viva voz.

Quando a mãe da Augusta deu pelo namorico, foi aos arames, como dizia a Augusta, contando o caso no *atelier*, ás suas amigas.

—Quero saber quem é esse pelintra!—exclamara a mãe.

—Pelintra! Veja a mãe como fala!...

—Silencio! Sua lambisgoia!

—Eu... lambisgoia! Ih! ih! ih!—e chorava a bella Augusta n'um soluçar bravo.

Gritava a mãe, brandindo heroicamente o ferro de engommar:

—At! Que se o meu Firmino fosse vivo, eu lhe contaria um conto!

—O que lhe faria elle?—perguntava maliciosamente a filha,

bem segura de que o sargento reformado não voltava da terra da verdade.

—Lava-lhe um tirol!

E a expressão physionomica da engommadeira, ao pronunciar estas palavras, era tão comica, que a filha não podia deixar de sorrir.

Es usado será dizer que a Augusta foi contar tudo ao rapaz.

Um dia, a mãe, muito irritada, porque a Augusta não queria ir trabalhar, afim de estar a namorar o *pãosinho*, como ella dizia, pegou na espingarda velha do seu defunto, que conservava ainda do tempo glorioso dos batalhões nacionaes, e mostrandol-a ao meliante, disse-lhe n'uma berraria de catraeiro:

—Se você tem a pouca vergonha de continuar a deitar os

Augusta, com o fim de saber em que o rapaz era empregado.

—Não tem emprego, mas está-lhe promettido um—respondia a dona da casa.—Deixe-o namorar sua filha. Não lhe come nenhum poccado! E que mais quer ella?

A viuva do sargento reformado retirou-se e foi dar parte á policia de que o rapaz era um vadio e lhe andava a desinquietar a pequena. A policia respondeu que nada tinha com isso.

De volta a casa, a pobre mulher principiou a matutar n'um golpe d'estado, quando uma bella noite, em que, segundo a expressão popular—não pregava olho, sentiu um ruido desusado. Levantou-se pé ante pé e poudo perceber a medonha causa.

A filha fugia-lhe na companhia do audacioso visinho. Tinha feito duas trouxas de todo o seu fato e já ambos se abaixavam para carregar com ellas, no criminoso silencio da noite, quando a mãe lhes surgiu como o espectro de Banquo, em fralda de camisa.

A pobre mulher esqueceu tudo para só se lembrar de que ia perder para sempre a filha que tanto lhe tinha custado a crear e que era a sua unica companhia.

—Minha filha!—gritou ella n'um soluço despedaçador e commovente.—Então queres deixar a tua velha mãe?

E quebrada de forças pela commoção, sentiu vergarem-lhe os joelhos, e arrastou-se no chão com as mãos postas!

Era espantoso. Uma mulher d'armas como ella!

E' que o amor de mãe doma até os tigres, e a sua verdadeira ternura pela filha suffocava a violencia do seu character.

A Augusta, diante da inesperada apparição da mãe e da subita mudança das suas maneiras, perturbou-se profundamente e hesitou entre ella e o namorado, até deixar cair a trouxa da mão.

O rapaz exasperado, vendo tudo perdido, agarrou o braço da costureira e tentou arrastal-a para a escada. A mãe ergueu-se então d'impeto, e agarrou com força o outro braço da rapariga, puxando-a para dentro de casa.

O namorado, furioso, levantou um «casse-tête» e descarregou uma valente pancada na fronte da engommadeira, que caiu sem sentidos.

Como uma leão do deserto a quem ferissem um filho, assim cresceu a Augusta para o namorado, completamente transfigurada.

—Ponha se na rua! Seu covarde!—bradou ella com uma voz pederosa em que se chocavam todas as coleras de filha e de mulher.

E como elle, surprehendido, se deixava ficar dentro de casa, ella, com um movimento rapido, lançou-lhe as mãos aos hombros e atirou-o para a escada, fechando-lhe a porta na cara. Em seguida ajoelhou junto da mãe e cobriu-a de beijos.

Quando a engommadeira, pelos esforços da filha, tornou a si e relanceou o olhar pelo quarto, vendo a Augusta só e ajoelhada ao lado d'ella, a pedir-lhe perdão, sorriu-se como só as mães sabem sorrir.

Mas a expressão muda e eloquente do seu olhar relanceado em volta do quarto, parecia dizer:

—E elle?

A filha comprehendeu-a e respondeu-lhe:

—Já lá vae! E com bem pouca vontade de voltar! Asseguro-lhe. Ah! minha mãe! Sempre me salvei d'uma! Juro-lhe que não caio n'outra.

E ambas riam e choravam, docemente abraçadas.

No dia seguinte o hospede tinha desaparecido do andar fronteiro, ficando a dever seis mezes de renda do quarto...

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



DAMAS CHINEZA E TARTARA

olhos cá para a minha filha, metto-lhe uma chumbada nos miolos! Olhe que eu bem o aviso!

O rapaz achou tão ratona a pose da engommadeira com a espingarda em punho, que, n'um ataque de riso, ia deixando cair á rua uma bota que estava engraxando com todo o cuidado.

Reirou-se triumphante para o interior da casa a irascivel engommadeira e foi depositar no canto respectivo a arma inoffensiva.

A engommadeira, preocupada constantemente com a idéa de cortar o malfadado namoro, foi ao predio fronteiro, e propoz á inquilina do quarto andar, o despedir o rapaz, e que se promptificava a pagar a renda do quarto enquanto estivesse devoluto.

A inquilina, que tambem era engommadeira, recusou.

—Mude-se—aconselhava, na esperança de afastar uma concorrente.

—Ainda se elle tivesse um emprego!—observava a mãe da